

Cicera Nunes  
Wilma de Nazaré Baía Coelho  
Organizadoras

# o território criativo do gesso

memórias e narrativas  
negras e indígenas



## Ficha Técnica

Projeto: O Currículo e os processos de formação docente no campo das relações étnico-raciais na educação básica numa perspectiva inter e transdisciplinar

**Coordenação:** Prof<sup>a</sup>. Cicera Nunes

**Supervisão:** Prof<sup>a</sup>. Wilma de Nazaré Baía Coelho

**Comitê Gestor:** Cicera Nunes | Thiago de Abreu e Lima Florencio | Francisco Joedson da Silva Nascimento | Maria Otilia Pereira Moreira

**Equipe da pesquisa:** Cicera Nunes | Clemilson Cavalcanti da Silva | Thiago de Abreu e Lima Florencio | Francisco Joedson da Silva Nascimento | Rafael Ferreira da Silva | Jéssica Lorena Lima Gonçalves | Artur de Jesus Rodrigues de Araújo | Giordano do Vale | Ricardo Alves da Silva | Erlandson da Silva Luna | Meryelle Macedo da Silva

**Equipe de concepção e desenvolvimento do aplicativo EducAya:**

João Alberto Brito de Abreu | Brisa Cabral do Svadeshi | Francisco Gauberto Barros dos Santos | Cicera Nunes

**Equipe de formadores:** Ana Carolina Lustosa Carvalho | Ana Paula dos Santos | Cicera Nunes | Cristina Kariri | Cristiano Ramos | Francisco Joedson da Silva Nascimento | Francisco Orismídio Duarte da Silva | Henrique Cunha Junior | Jean Alex Silva de Alencar | Luciano das Neves Carvalho | Miscilane Costa e Silva | Natália Pinheiro | Rebeca de Alcântara e Silva Meijer | Thiago de Abreu e Lima Florencio | Valéria Gercina das Neves Carvalho | Verônica Neuma das Neves Carvalho

**Parcerias:** Escola de Ensino Fundamental Dom Quintino – Secretaria de Educação de Crato/Ceará, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais NEGRER/URCA, Coletivo Camaradas, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia IFCE/Crato, Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC, E. E. E. P. Aderson Borges de Carvalho

**Fotografia:** Rafael Ferreira da Silva | Giordano Vale Ferreira | Ricardo Alves da Silva | Erlandson da Silva Luna

**Diagramação:**

Esta obra é parte do Projeto “O currículo e os processos de formação docente no campo das relações étnico-raciais na educação básica numa perspectiva inter e transdisciplinar” que contou com o apoio do Edital “Equidade Racial na Educação Básica: Pesquisa aplicada e Artigos científicos” organizado pelo CEERT em parceria com as organizações: Itaú Social, UNICEF, Instituto Unibanco e Fundação Tide Setubal”.

## Ficha Catalográfica

## Apresentação

Este caderno objetiva retratar as ações do projeto de pesquisa-interventiva intitulado “O currículo e os processos de formação docente no campo das relações étnico-raciais numa perspectiva inter e transdisciplinar”, desenvolvida no bairro do Gesso, na cidade de Crato - CE, através do Edital Educar para a Igualdade Racial do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT.

O referido projeto apresentou como proposta desenvolver uma ação de pesquisa que nos permita conhecer as expressões culturais de matrizes africanas e indígenas presentes na comunidade do Gesso, Crato-CE, expressas na história do bairro, na sabedoria das mais velhas e dos mais velhos da comunidade, na tradição oral, nos movimentos contemporâneos das juventudes, dentre outros, e como esses saberes podem ser traduzidos em experiências educativas de fortalecimento étnico e de relação de pertencimento com essa história e cultura.

Reconhecemos que as escolas do Cariri cearense carecem ampliar o conhecimento dos traços histórico-culturais negros e indígenas presentes nos territórios marcados pela presença e influência desses grupos, bem como a oferta de um material que reflita o protagonismo destes. Destaque-se a necessidade de se fomentar na presente ação a organização pedagógica em todas as áreas do conhecimento numa perspectiva inter e transdisciplinar criando estratégias para incentivar o protagonismo juvenil com foco numa formação que se volte para a equidade racial e de gênero, com abordagem interseccional e numa relação com as experiências vividas fora da escola, dando sentido a esses conhecimentos.

## O Território Criativo do Gesso

O Gesso, denominado pelos (as) moradores (as) do lugar, Território Criativo do Gesso, está localizado à zona urbana entre os bairros Centro, Pinto Madeira, Santa Luzia e São Miguel, na cidade de Crato – Ceará, distante cerca de 527 km da capital Fortaleza, no Cariri cearense. Segundo Silva e Amorim (2018) no início do século XX pedras de gesso eram levadas dessa localidade para a capital Fortaleza. De acordo com Amorim (2020, p. 103):

Nas primeiras décadas do século XX, esse local era utilizado como depósito de pedras de gipsita, que vinham de Santana do Cariri, e seguiam para Fortaleza de trem. Ali surgiu um aglomerado de casas, que, posteriormente, se tornou um espaço de prostituição da cidade, passando a ser estigmatizada – inicialmente, por ser vista como local de prostituição e, mais tarde, por ser vista como local de tráfico de drogas. Esse espaço está delimitado por uma linha de trem, referência fundamental para compreensão da separação desse espaço do resto da cidade e do estigma criado em torno da linha do trem: quem morava “da linha do trem para lá” sofria preconceito por morar na zona de prostituição.

Historicamente é uma área que se destaca enquanto um território de maioria negra e a presença de descendentes indígenas que vivem dos pequenos comércios, prestação de serviços e benefícios sociais. Instituições e Organizações Não-Governamentais tem atuado na comunidade, como o Projeto Nova Vida fundado em 1992, a Sociedade de Auxílio aos Necessitados – SCAN fundada em 1940, o Terreiro do Mestre Roxinha, o Museu de Arte Raimunda de Canena, Ponto de Cultura Paraíso dos Caipiras, o Coletivo Camaradas. São ações voltadas para as crianças, mulheres, jovens e idosas/os

com a criação de bibliotecas comunitárias, rodas de poesia, encontros culturais, intervenções urbanas, atividades desportivas e artísticas, de formação política e de sustentabilidade, ações de fortalecimento da autoestima, dentre outras. No segundo semestre de 2021 o bairro passou por uma reforma urbana e paisagística, coordenada pelo Coletivo Camaradas e contando com a participação dos moradores (as) nas construções, no cuidado coletivo, na melhoria da mobilidade urbana com o olhar para a acessibilidade, proporcionando uma beleza estética onde as pessoas se sentem parte desse movimento de acesso ao direito à cidade.

O bairro do Gesso concentra escolas públicas de Ensino Infantil, Fundamental e Ensino Médio que estabelecem interlocução com as ações desenvolvidas pelos movimentos sociais, universidades, os coletivos de juventudes, ONG's e dois *campi* universitários vinculados à Universidade Regional do Cariri - URCA.

É nesse contexto que encontramos-nos com a Escola de Ensino Fundamental Dom Quintino onde durante o segundo semestre de 2019 tivemos a oportunidade de desenvolver uma ação de extensão no âmbito do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais, vinculado ao Departamento de Educação, da Universidade Regional do Cariri, que nos permitiu oferecer formação complementar sobre literatura juvenil com a temática afrodescendente e de relações de gênero para um grupo de jovens estudantes da escola.

Essa experiência nos aproximou da comunidade do Gesso e possibilitou conhecer parte do repertório cultural negro presente naquela comunidade, bem

como identificar as lacunas no campo da formação que impossibilitam que as escolas desenvolvam um trabalho mais amplo com a temática das africanidades e indígenas. Identificamos que persistem as dificuldades no campo da formação e a necessidade de uma ampla reformulação curricular que atinja todas as áreas do conhecimento de forma atender as determinações das Leis Nº. 10.639/03 e Nº. 11.645/08 que alteraram a Lei Nº. 9.394/96 tornando obrigatório o ensino da história e cultura africana, afrobrasileira e indígena.

As ações do projeto “O currículo e os processos de formação docente no campo das relações étnico-raciais na educação básica” envolveram um programa de formação de professores (as) da educação básica; oficinas pedagógicas voltadas para estudantes do Ensino Fundamental II; organização de duas bibliotecas comunitárias com obras nas temáticas negras e indígenas; uma pesquisa de campo que levantou as narrativas dos (as) moradores (as) do lugar sobre as suas vivências com as ancestralidades negras e indígenas tendo como produto a elaboração de cadernos pedagógicos; um vídeo documentário, em 5 episódios, intitulado “SANKOFA GESSO; a identificação dos pontos de memória da comunidade com a utilização de placas afro indicativas compondo a cartografia étnico-racial do lugar e desenvolvimento do Aplicativo EDUCAYA; uma intervenção urbana para retratar a história e a cultura do território através do grafite e do muralismo; a organização de cadernos pedagógicos com orientações didático-pedagógicas na temática das relações étnico-raciais sobre o Cariri cearense como suporte à implementação das Leis Nº. 10.639/03 e Nº. 11.645/08.

Com isso, buscou-se positivar a existência negra e indígena, retratar as memórias históricas a partir das experiências vividas pelas pessoas do lugar,

aprender a partir do que se retrata nos murais do território, compreender a dimensão de resistência presente na arte urbana, compreender o bairro como um livro vivo que pode ser lido para ressignificar a nossa relação com esse território e, nessa relação, dar sentido ao que se ensina e se aprende na escola - atribuindo sentido a uma conexão entre o conhecimento sistematizado e aquele relativo aos saberes tradicionais, oriundos da comunidade.

Neste caderno vamos conhecer um pouco dessa história!



Vista área do Território Criativo do Gesso - 29 de dezembro de 2021 (Registro Codec Studio)



Linha férrea no Território Criativo do Gesso - ao redor do trilho os moradores(as) organizaram o Sítio Urbano com plantação de ervas e árvores frutíferas.



## A Escola e a implementação das leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08

O projeto “O currículo e os processos de formação docente no campo das relações étnico-raciais na educação básica” refletiu na sua centralidade o fortalecimento do ensino da história e cultura africana, afrobrasileira e indígena com enfoque na ressignificação curricular e no processo de formação docente. Com isso, articulou, através de ações formativas: 1. um levantamento diagnóstico procurando compreender os limites, desafios e possibilidades no processo de implementação das Leis Nº. 10.639/03 e Nº. 11.645/08 no município de Crato - CE; 2. a identificação de elementos histórico-culturais negros e indígenas presentes no bairro do Gesso como conhecimento importante na ressignificação do programa curricular das escolas. Dessa forma, identificou, com base nas entrevistas narrativas, o conhecimento das pessoas de referência na comunidade e que articulam a história do território, bem como os lugares de memória negra e indígena, a partir dos espaços de sociabilidade, de celebrações, da história de vida das pessoas mais velhas, da relação com as ervas, dos movimentos de artes contemporâneos protagonizados pelas juventudes, dos espaços de produção de conteúdo midiáticos e audiovisuais, dos pontos de leitura e de cultura, dentre outros; 3. uma ação interventiva pedagógica que refletiu a importância de (re)significar o trabalho da escola com a vida na localidade estabelecendo uma relação de pertencimento.

Nessa intervenção, temos, a produção de material didático-pedagógico que apresenta como proposta a reflexão sobre a importância de dar sentido ao que se aprende na escola. Nesse contexto, o processo de ressignificação curricular proposto considerou as histórias vividas no território como parte importante do que se aprende na escola, como conhecimento relevante no

processo de construção da identidade cultural, no pertencimento com a história e cultura negra e indígena do lugar, pela via da memória e da ancestralidade. O espaço formativo realizado ao longo do projeto (professores (as) e núcleo gestor da escola de Ensino Fundamental Dom Quintino e outras escolas, bem como a pesquisa de campo realizada na comunidade, em especial, com o apoio dos integrantes do Coletivo Camaradas), fortaleceu a dimensão de que almejamos: que a escola dialogue com o território através das histórias vividas pelas crianças e jovens e apresentou as potencialidades do bairro enquanto espaço educador.

A discussão destaca como parte das necessidades pedagógicas e curriculares o conhecimento das realidades nas quais os (as) educandos (as) estão inseridos (as) e, nesse contexto, há o conhecimento dos territórios negros e dos conhecimentos indígenas que compõem o repertório cultural no qual estamos inseridos(as). Henrique Cunha Jr. (2017) ressalta a relação entre patrimônio, cultura, memória e identidade, quando destaca que a memória é em parte resultado do patrimônio cultural e histórico de uma localidade.

Esses processos sociais, históricos e culturais, dentro dos parâmetros do conhecimento africano, são tratados como parte da ancestralidade. “A ancestralidade é a energia estabelecida no passado e reestabelecida no presente e no futuro, entretanto sempre sofrendo modificações” (CUNHA Jr., 2017, p. 04). Interessou-nos, nas atividades desenvolvidas, dialogar com o conceito de afrodescendência por privilegiar a localidade e trabalhar com enfoque pautado nessas realidades, onde o sistema de dominação processa o racismo antinegro (CUNHA Jr., 2001; 2021). Há uma experiência histórica específica da população negra e indígena brasileira que se relaciona com um processo permanente

de criação e recriação das suas culturas e que devem fundamentar os currículos escolares.

Nesse contexto, estamos trabalhando com a afrodescendência como fator articulador da memória e identidade. Buscamos, a partir das reflexões propostas por Juliana Souza (s/d, p. 05) os marcadores históricos, sociais, educativos, artísticos, de organização social, de memórias e narrativas como fatores de afirmação identitária. A autora reforça ainda:

Como construir a ideia de pertencimento à cidade, à comunidade, ao bairro quando não se tem nenhum marcador de ligação com o passado seja ele breve ou longo? Instaura-se a sensação de que se é sempre estrangeiro no seu próprio lugar, não se tem um elo de pertencimento, e esse é um fator que incomoda a população negra.

Os estudos sobre espacialidades negras urbanas e educação (CUNHA Jr. 2021; SOUZA, s/d; SILVA, 2018; JESUS e VIEIRA, 2020; VIDEIRA, 2020) e que articulam reflexões sobre história, cultura, identidades e memórias nos oferecem um campo conceitual de fundamentação dessa proposta.

## **A formação de professores(as) para a educação das relações étnico-raciais**

A Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 01, de 17 de junho de 2004, destaca que é papel dos sistemas de ensino incentivar pesquisas sobre processos educativos que levem em conta as visões de mundo, os valores e conhecimentos dos afro-brasileiros. Assim, as instituições de ensino superior devem, dentre outras questões, promover ampla reformulação curricular nos cursos de formação de professores (as), atuar na produção de conhecimentos sobre a realidade do povo negro e indígena brasileiro e colaborar na produção de material didático e bibliográfico que trate da educação das relações étnico-raciais (BRASIL, 2004). Cabe às secretarias de educação um investimento na formação continuada dos profissionais da educação oferecendo-lhes as condições adequadas para que a escola ressignifique a sua relação com a cultura de base africana e indígena, bem como aponte considerações sobre os princípios que devem fundamentar o Projeto Político Pedagógico das escolas. Reconhecer as experiências vividas fora da escola e a sabedoria tradicional é parte importante desse processo de formação.

O que se requer é a construção “de representações sociais positivas que valorizem as diferentes origens culturais da população brasileira como um valor e, ao mesmo tempo, crie um ambiente escolar que permita a manifestação criativa e transformadora da diversidade” (BRASIL, 2015, p. 2). E como destaca Coelho (2018) que aponta para a necessidade de uma formação inicial e continuada que congregue o tema de modo consubstanciado e dialogue com os problemas reais da escola.

Gomes (2012) ressalta que o que se reivindica é uma mudança epistemoló-

gica e política que se reflita nas teorias educacionais e nas práticas pedagógicas de forma a articular os conhecimentos científicos a outros conhecimentos produzidos por sujeitos sociais em outros contextos sociais, culturais, históricos e políticos. Nessa conjuntura, os referenciais culturais das matrizes formadoras da sociedade brasileira e que fazem parte da vida de crianças e jovens tem uma importância no currículo da escola, haja vista a necessidade do pertencimento para fortalecimento da autoestima e para que se criem possibilidades concretas para um diálogo intercultural. O programa de formação, desenvolvido como parte das atividades do projeto “O currículo e os processos de formação docente no campo das relações étnico-raciais na educação básica numa perspectiva inter e transdisciplinar”, envolveu momentos com docentes e com os (as) estudantes do Ensino Fundamental II num diálogo com o território e pautado nos princípios da diversidade étnico-racial.



## **1. TEMA: PEDAGOGIA DO BAOBÁ E CURRÍCULO BAOPEDAGÓGICO: EXPERIÊNCIAS CURRICULARES DE ANCESTRALIDADE AFRICANA**

**EMENTA:** Uma experiência com a Pedagogia do Baobá na Escola de Ensino Fundamental 08 de março, no município de Crato - CE. Práticas pedagógicas baseadas numa proposta “baobápedagógica” de reconexão com o continente africano a partir das africanidades locais e na relação com o universo da ancestralidade, numa perspectiva multidisciplinar e multirreferencial.

**FORMADOR:** SAMUEL MORAIS SILVA - Pedagogo e Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

## **2. TEMA: QUILOMBO E IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DE QUILOMBO: CONCEITOS, METODOLOGIA E PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS**

**EMENTA:** O Cariri cearense como território quilombola. Os saberes quilombolas e a educação territorializada. Eixos centrais da pedagogia de quilombo: ancestralidade, africanidade, mulher quilombola, oralidade, saúde da população quilombola, territorialidade, comunidade e tecnologia. Os estudos do território e os processos de territorialidade. Os territórios quilombolas e os elos com os bairros negros. A memória, a oralidade, os conhecimentos dos mais velhos.

**FORMADORA:** ANA PAULA DOS SANTOS - Pedagoga. Especialista em Gestão Escolar (URCA). Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC.



## **3. TEMA: O ENSINO DAS HISTÓRIAS E CULTURAS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**EMENTA:** A implementação da Lei Nº. 11.645/08 na educação básica. A população indígena e a produção do conhecimento. O Encontro Nacional dos Povos Indígenas do Cariri cearense. As diretrizes pedagógicas para a construção da educação escolar indígena.

**FORMADORES (AS):** MISCILANE COSTA E SILVA - Cientista social. Mestre

em Ciências Sociais (UFCG). Doutoranda em Ciências Sociais (UFPE).

FRANCISCO JOEDSON DA SILVA NASCIMENTO - Licenciado em Geografia (URCA). Mestre e Doutorando em Geografia (UFG).

CRISTINA KARIRI - Liderança indígena e professora da escola indígena Kariri-Tabajara.



#### **4. TEMA: A HISTÓRIA E A CULTURA DA POPULAÇÃO NEGRA NO CEARÁ**

**EMENTA:** Uma contextualização da presença negra no território cearense. O Cariri cearense e a reconexão com o continente africano. A matriz africana na manifestação dos reisados e nas congadas do Cariri cearense. Presença das irmandades religiosas negras no território cearense. A implementação da Lei N°. 10.639/03 e as africanidades locais.

**FORMADORA:** Cicera Nunes - Doutora em Educação Brasileira (UFC). Professora da Universidade Regional do Cariri - URCA.



#### **5. TEMA: CINEMA NEGRO E INDÍGENA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS**

**EMENTA:** O audiovisual em sala de aula: possibilidades pedagógicas. O audiovisual além da sala de aula. O audiovisual e as questões étnico-raciais. De representados a representantes: produções audiovisuais indígenas e negras no Brasil: cinema indígena e cinema negro.

**FORMADOR:** Thiago de Abreu e Lima Florencio - Licenciado em História. Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-RIO). Professor da Universidade Regional do Cariri - URCA.



## **6. TEMA: LITERATURA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**EMENTA:** A literatura afrorreferenciada nas práticas pedagógicas para educação das relações étnico-raciais na escola. Desenvolver artefatos para o fortalecimento pertencimento étnico-racial, a partir dos dispositivos pretagógicos de saberes docentes com foco nos marcadores das africanidades.”

**FORMADORA:** REBECA DE ALCÂNTRA E SILVA MEIJER - Doutora em Educação Brasileira (UFC). Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).





## Narrativas e pertencimentos étnico-raciais no Território Criativo do Gesso.



**DONA NARCISA DUARTE**   
Idealizadora do Espaço Capoeira junto com seu filho o Professor Ricardo

*Eu vou fazer a minha apresentação porque nem todo mundo me conhece e como é um trabalho representativo tenho que dizer quem eu sou. Sou Narcisa Duarte, mãe do professor Ricardo. Eu e ele, juntos, tínhamos um sonho de ter uma ONG ou alguma coisa que pudesse representar e ajudar a minha comunidade, então a gente fundou aqui, vimos que o espaço era bom e que dava para acolher o nosso sonho aqui, como a capoeira. Então, juntos, a gente*

*fundou o Espaço Capoeira, foi milimetricamente pensado e calculado para que não desse errado. Vimos o ambiente e estudamos como seria esse espaço, o que a gente ia oferecer para as crianças, tudo com a máxima responsabilidade. O fato de conhecer a capoeira - porque acho que toda mulher tem que participar como diz o ditado "lugar de mulher é em todos os lugares" e eu sempre acompanhei meus filhos na capoeira, sempre estive ao lado deles para ver como se desempenhavam - posso dizer que eu não sou mestra, nem professora, nem nada e nem jogo capoeira, mas eu tenho qualificação para falar da capoeira, pra dizer que a capoeira é representativa apesar de ser discriminada, porque acompanhei e vi os trabalhos dos professores e dos mestres.*



## PROFESSOR RICARDO DUARTE



*Eu sou Ricardo, professor de capoeira, comecei essa arte em 1988 e estou aqui para ajudar dentro da nossa arte a conscientizar sobre a Consciência Negra.*

*Meu nome completo é Cícero Ricardo Duarte Rodrigues, nascido em 15 de abril de 1976. Esse conhecimento eu conheci através de um professor que chegou no bairro São Miguel, onde eu moro. Nos anos 1980 ele começou a capoeira no fundo do quintal de chão batido de barro, e foi através de um amigo meu*

*que disse que um professor tinha chegado de São Paulo e que ele conhecia essa arte da capoeira, e convidou a gente para conhecer a capoeira.*

*Nós fomos lá e vimos o movimento dele, fiquei interessado em praticar essa arte e aí começamos, ele dava a capoeira, não através de pagar mensalidade, mas que a gente ajudasse ele de alguma forma com alguma coisa para merenda, almoço dele, entendeu? Foi assim que eu conheci a capoeira [...]*

*[...] A importância do Mestre na capoeira, é como se fosse uma referência maior, dentro da capoeira, onde ele transmite seu conhecimento, seu legado para o aluno e o aluno vai aprendendo. Ele é muito valorizado porque ele vai avaliando ano por ano a dedicação do aluno a dedicação do valor.*



## MARIA ROSENANA SARAIVA DE SOUSA

Liderança comunitária; filha do Mestre Roxinha



Filha do Mestre Roxinha. Mantem o legado do pai nas ações educativas, culturais e religiosas que realiza com a sua família no Terreiro do Mestre Roxinha

### Conhecendo o Gesso

*Eu iria te falar como era antes e como é agora; como se tornou esse lugar que era negativo e como agora está positivo. Um dos pontos mais fortes que a gente tem na comunidade, que era o Gesso, onde ninguém passava nos vagões que ficava a noite porque era muito perigoso e como também o outro lado que tem um bueiro e que agora é uma rua, inclusive lá tem uma*

*santa. Quando foi inaugurada, os moradores adquiriram a Santa Luzia, e agora é movimento de oração, movimento de pessoas que vão lá para estarem em comunicação, rezarem o terço e se sentirem em paz. Lá é muito forte, aquele lugar lá de oração. Iria te mostrar também os terreiros de macumba, e aqui aonde a gente mora que era um buraco que ninguém passava, com tempo agora todo mundo já passa, tem a linha do trem, e mostrar umas casas que ainda são históricas.*

*Seu Chico também é muito importante, ele faz a limpeza do bairro e é um trabalho dele mesmo, ele tem o prazer. Eu iria te mostrar também seu Hermano,*

*dentro da comunidade, do projeto Nova Vida que também fez uma evolução grande de positividade aqui, tem a casa de Júlia que é uma senhora já antiga, dona Dionísia, que é a dona do terreiro de macumba. Iria mostrar aqui a menina, que agora infelizmente a mãe dela não está mais com ela, que era dona Margarida que foi muito importante, fazia seus filhos e salgados para manter a família, e hoje segue esse trabalho com as filhas e os netos, um movimento muito bom. A casa do seu Luiz, que fazia carroça.*

*Minha vizinha também, tem muitas pessoas aqui importante, mas assim de antigamente mesmo, eu acho que só esses senhores com origem mesmo. Tem os jovens também agora que tem um movimento religioso, participam com a gente e tem amor e energia, estão se envolvendo. Também tem Alexandre e o Coletivo Camaradas que foi também muito importante e incentiva muita criança a fazer poesia, ler, a leitura e está sempre trazendo novidades para comunidade, para mostrar o Gesso. Ali antes ficava o Gesso e agora é a quadra, que tem muitos jovens voltados para o esporte.*



**DONA SANTINA** 

Dançadeira de Coco, participante do grupo de mulheres dançadeiras de Coco da SCAN - Sociedade Cratense de Auxílio aos Necessitados

*Nasci no Sítio Saco, município de Barbalha. Desde nós crianças, meu pai trabalhava de cambiteiro na serra com os Pinheiros, com aqueles animais carregando lenha das capoeiras para moer cana rapadura, e nós, ficávamos em casa trabalhando, plantando uma rocinha no monturo de casa. Por fim, minha vó fazia louça de barro, fomos aprendendo com ela e com outras vizi-*

*nhas que moravam vizinho, nós também fazíamos e até hoje a gente tá fazendo. Essas coisinhas ali foram nós que fizemos, a gente faz desse dali o maior, todo tipo fazemos, de lá pra cá foi isso mesmo.*

*Quando chegamos aqui no Crato começamos a ver as coisas, as culturas, as danças, a dança de coco, foi o ano que minha mãe entrou aqui na SCAN. Só vivíamos da louça mesmo, tinha dificuldade, e a gente achava que se saíssemos de casa para vim para uma associação perderíamos o tempo da gente trabalhando. Até que um dia minha mãe me chamou e eu vim pra cá, porque ela não sabia cantar e dançar, ficava assim com quem era um desgosto porque o povo dançava, cantava e ela não fazia nada disso. Foi quando ela me trouxe pra cá e através dela eu continuei e entrei na dança de coco, e graças a Deus me dei bem. Não tenho o que dizer daqui da SCAN, é uma associação acolhedora de muita gente [...] aqui todo mundo agrada todo mundo e é bom.*

*Eu tenho 63, nasci no município de Barbalha, mas quando eu vim para o Crato eu tinha 2 anos.*

*Antes eu não dançava não, dancei lapinha por 5 anos quando era mocinha nova ainda dancei por 5 anos. O irmão da gente também foi caboquim, que tem os caboquim. Fui pastora, cigana, o sol e ela a lua, caboquim, tudo da lapinha, mas do coco mesmo, eu ouvia falar que tinha o coco e conhecia muita gente que dançava coco, mas pra dançar mesmo o coco eu vim dançar agora depois que entrei na SCAN. Desde os 50 anos que entrei aqui na SCAN que ainda hoje a gente brinca com o maior prazer.*



*A dança da lapinha eram 12 pessoas, fora o pessoal que organizava. Eram 12 pessoas e cada uma formava uma peça. Tinha a pastora, os caboquim, as ciganas, que eu também já dancei, e a cigana é como se fosse a dança do coco, os trajos. Tinha borboleta, beija-flor, o sol, a lua, estrela, os anjos, tinha muita coisa.*

*Tinha, era uma dança diferente. O caboquim tinha a roupinha de pena, ficava nu só de cuequinha e fazia a roupinha de pena, tanto a saíinha de pena como a blusinha de pena, botava uma coroinha de pena na cabeça, uma flecha, cabacinha e ficava brincando. A gente ficava com o maracá, as pastorinhas ficavam com um maracazinho balançando e quando era pras pastorinhas entrar tinha a música, e quando terminava a lapinha.*

*Nós apresentamos em vários cantos que as famílias chamavam a gente pra representar na renovação, quem mora nos sítios, quem mora no Crato também e que quer fazer faz, né? Fazíamos as renovações, e sempre que tinha renovação na casa de uma pessoa, eles convidavam a gente pra brincar lapinha, a gente ia brincar lapinha e cada cá que cantava sua música. No final do mês de dezembro as vezes vinha se apresentar no Crato nas festas de Nossa Senhora da Penha, era muito bonito no mês de setembro que era festa e a gente vinha. No mês de dezembro que era mês de natal nós vínhamos representar a lapinha, era a lapinha, o reisado era tudo, era muito bom e bonito.*



## JOÃO DO CRATO

Compositor e cantor. Performático, multiartista. Integrante do Grupo de Valorização Negra do Cariri - GRUNEC.



Fonte Blog do Crato

*Eu sempre fui uma pessoa muito engajada nessa história, sempre fui muito curioso com as histórias que vem da ancestralidade, sempre gostei muito desde criança. Eu sempre fui brincante de lapinha, eu ia para as farinhadas dos engenhos porque eu sentia algo muito importante naquela ritualística.*

*Os dramas populares nas cantigas de trabalho escutei muito no roçado, as mulheres cantando e os outros respondendo nas colheitas. Então quando eu comecei a ouvir falar nessa questão principalmente*

*dos Índios Cariris, porque a missão Miranda, no bairro Mirandão é porque, ali tinha a missão Miranda os missionários que vieram para catequizar os índios porque na verdade eles vinham, pegavam os índios e destruíram a religiosidade deles, implantaram o cristianismo de uma forma bastante radical e a missão Miranda era onde os índios, os últimos remanescentes dos índios Cariri ficaram.*

*Eu sempre tive essa história na minha cabeça essa, e essa curiosidade. E a ligação com essa questão quilombola e negra também era tudo muito junto. A gente quase não conseguia distinguir, porque tava tudo muito junto. Nessa*

*época que eu comecei a compreender. Essa fusão das culturas indígenas e negras é que eu vi aquilo que aqui no Nordeste a gente precisa separar essas culturas. A gente precisa ter elas separadas, mas existe uma intersecção muito forte. Por exemplo essa instituição que eu tô aqui há algum tempo, quando eu cheguei aqui, elas não tinham o corpo, elas dançavam coco com capemba que é coco de praia porque tinha vindo a estrutura de Fortaleza e tudo, mas quando eu vi o potencial de Naninha, que comecei a conversar com ela, e ela começou a contar as histórias dela. Eu disse aqui tem uma possibilidade de ter um... aí começamos, vamos brincar, vamos ver aí.*

*Quando a gente foi fazer o mapeamento das comunidades rurais negras e quilombolas do Cariri, a gente meteu o pé na estrada mesmo. Atrás desse povo, foi uma experiência fantástica. Tudo isso é muito importante. Para mim, e para ter certeza da importância, até da minha formação artística. O que é que eu tenho de corporal? A minha expressão corporal, que ela tem a ver com tudo isso? com os tores indígenas com os rituais com as pajelanças. com os lundus, com os tambores de crioula, com os maracatus. Então eu fui uma pessoa que batalhou muito, eu ficava enlouquecido com história de aqui não ter maracatu e saber que já teve nos anos 60.*

*E foi nessas andanças pelas periferias. Pelas comunidades rurais que lá no carrapato a gente resolveu. Que lá era um lugar que poderia surgir um movimento desse pela identidade, aos poucos a gente vai descobrindo. Ali é uma família grande. Onde todo mundo é parente. Todo mundo é negro, todo mundo é índio. E foi muito fácil. A gente começa a trabalhar lá porque assim eles também são muito religiosos, ligados à igreja católica. Muito legal que hoje eles respeitam o Maracatu. as próprias pessoas dentro da igreja já sabem que o*

*Maracatu é um ritual sagrado. Precisa respeitar tanto quanto quando tu respeit-  
tas. uma missa ou outra manifestação da religiosidade. Muito grato por ter tido  
essa oportunidade. De estar sempre conectado com estas culturas e me sentir.*

*Da parte do meu pai nós somos aqui de Santana do Cariri. O meu avô o  
pai do meu pai era um índio. Índio Cariri e a minha avó é uma negra quilombo-  
la vinda do Piauí. Então, eu acho muito legal esse trabalho aqui. Porque eu  
acho que aqui é esse trabalho. Principalmente essa área aqui do Gesso. Que foi  
uma área muito importante. Era onde o coração do Crato pulsava, nos anos  
sessenta eu lembro criança, os cabarés né? Eram todos aqui no Gesso. Então foi  
uma loucura porque o Crato era uma cidade referência. Aqui desse centro do  
Nordeste. Era uma cidade que tinha rádio. Era a cidade que tinha as faculda-  
des.*

Eu acho que é importantíssimo fazer esse trabalho porque a gente precisa  
contar essas histórias que os livros não contam. Mas vamos pesquisar. Vamos  
ver a história. Vamos colocar no palco, transformar num espetáculo onde a  
gente pode contar tudo isso brincando e cantando.





**BÁRBARA MATIAS**   
Atriz, ativista indígena

*Eu sou de uma comunidade chamada Sítio Mareco, mas na retomada e revitalização indígena tem se apresentado como Aldeia Marrecas (devido nossa cosmovisão das Marrecas), fica próximo ao distrito de Quitaius, está localizado em Lavras da Mangabeira,CE.*

*Nessa comunidade, por muito tempo os nativos se colocaram como caboclo, por exemplo, quando eram perguntados pelo IBGE, você é branco, pardo ou amarelo? As pessoas sempre diziam caboclo, tinha essa opção. Quando não, as pessoas se colocavam como pardo ou até como amarelo, e é sobre isso, sobre essas táticas, porque foi por muito tempo dito a essas pessoas que elas não podiam se dizer indígenas, e isso foi mais do que o auto ódio, foi tática de sobrevivência. Essas pessoas começaram a se colocar como Caboclos, se você for nesse sertão é tudo assim, e eu venho dessa comunidade que as pessoas se identificam assim. Por exemplo, minha avó passou para outras gerações, se você chegar lá e perguntar: mas Dona Albertina, a senhora com esse teu jeito de não gostar de sentar em cadeira, come com a mão, a senhora que não gosta de usar calcinha, que vai para baixo de uma árvore e fica alguns instantes quando tem algum problema dentro de casa e depois voltava e tava tudo bem. A senhora que nada no rio. O que é isso, a senhora é índia num é? Se chegar nela e perguntar desse jeito ela vai responder: "Índia? Não. Isso daí era um povo que existiu em outro tempo." Por quê? Porque isso foi colocado para essa gente a vida inteira, as nossas aulas de história fizeram esse projeto de morte com a gente. Etnocídio.*

*Atualmente, de 2018/19 pra cá estamos retornando como indígena da Nação Kariri.*

*Eu tô aqui no Gesso (vivo entre Crato e Lavras) e percebo muito, e é muito forte, não é a toa que a comunidade do Gesso tem esse movimento para não asfaltar a rua, o que será isso? Se não uma cabeça, um corpo inteiro pensando em um corpo interligado com a terra. Pertencimento ao território é um símbolo de povos originários em qualquer lugar do mundo.*

*Ao mesmo tempo, somos um povo que constantemente está sendo calado, um povo que está sendo massacrado, povo que está nesse contexto dito urbano que se você for olhar, ainda é uma grande aldeia, um grande quilombo, por isso, que ainda estão sobrevivendo a esse grande caos que a gente está vivendo no mundo. Esse povo também tem muito afeto, é um povo que bate na sua porta para te convidar para uma renovação, e eu falo isso por experiência própria, moro no Gesso há três anos, acho que por aí. Eu morei em outras ruas do Crato e foi morando aqui que eu fui convidada para festa de aniversário, para renovação, todas essas coisas que eu vivi na minha comunidade, mas quando eu cheguei no centro do Crato uma rua do lado, só porque era considerada uma rua central, porque o Crato tem dessas coisas, é uma cidade cheia de coronéis.*

*Quando eu passo a morar no Gesso eu percebo que esse lugar do afeto, da conexão é muito forte, é muita gente de pé descalço, aqui, no sentido mesmo do pé descalço, no sentido da metáfora que esse pé descalço coloca. Eu acho que mais ou menos isso, mas na frente eu posso colocar o material o Rosemberg Cariri tem uma escrita interessante para pensar o contexto do Crato.*

*Para dizer que povos indígenas, povos negros, povos amarelos, povos*

*ciganos, que também tem muitos ciganos por essa redondeza, todos nós juntos precisamos do fortalecimento, a gente dando a mão é que nos fortalecemos, se curamos, a gente se planta e cresce, no melhor sentido da palavra crescer. Porque, o que esse sistema quer, que chamam de branquitude, é que a gente entre na lógica deles, e a lógica deles é para oprimir, é sempre ter alguém para oprimir e ofender, e acho que não é por aí...*







Oficina Identidade e estética negra no Artefatos da Cultura Negra

## **MARIA RENATA DOS SANTOS AGOSTINHO**

Costureira e professora, Integrante do Coletivo Camaradas

*Em 2013 passei por um processo de reconhecimento da minha identidade negra, passei por um processo de transição capilar, essa transição veio devido ao meu cabelo torar em um salão e isso exigiu de mim como que eu faço para não fazer mais progressiva. Isso mexeu muito com a minha autoestima, comecei a pesquisar e escutar história de meninas negras pela internet, passei a pesqui-*

*sar sobre outras mulheres, mulheres de resistência. Em 2014, em setembro, fiz a transição capilar e comecei a sentir a liberdade, mas não de fato, as pessoas me taxavam de “hominho” “como a professora tá feia” e eu ficava com aquele sentimento de me perguntar “o que é feio, e o que é o belo?”. Então a partir disso comecei a pesquisar e compreender a minha beleza, parei de usar loreal porque queria estar no meio aceitável do padrão branco.*

*Comecei a enxergar de fato como era a minha pele e a sentir a textura do meu cabelo, porque desde os 7 anos de idade não sentia a textura do meu cabelo.*

*Em 2014 conheci o Coletivo Camaradas que foi a porta incrível que eu tive o acesso para conhecer pessoas fodas da negritude, da luta e da resistência, de me sentir parte, ver aquele povo e entender que não estou sozinha. Conheci o GRUNEC, as Pretas Simoa, Cícera Nunes, pessoas inteligentes que me fizeram entender que não estou sozinha.*

*A partir do momento que vim frequentando o Gesso, me trouxe essas possibilidades incríveis de me conhecer mais e mais.*

*O coletivo do Gesso foi um laboratório de troca de conhecimento, experiência e afeto pra mim, foi a oficina do turbante, onde vi outras pessoas diferentes principalmente a negritude forte aqui da região do Cariri que me trouxe uma certeza de quem eu sou.*

*Em 2015 tivemos um ensaio fotográfico que foi muito importante, juntamente com Ricardo Alves e outras galeras, que foi um ensaio de turbante, os ele-*

*mentos incríveis que eu gosto muito. O turbante é sagrado pra mim principalmente espiritualmente, minha avó sempre usava como forma de proteção até mesmo dos pensamentos ruins para não passar para outras pessoas. Em julho comecei a fazer as oficinas de turbantes, unindo a identidade - quem eu sou - com a estética negra.*

*Esse processo é para você fazer uma análise, quantas vezes a gente não para e analisa sobre nós, de enxergar a nossa pele, os nossos traços, a nossa sobrancelha, o nosso nariz, que muitas vezes julgam dizendo que é feio, e o que é feio? o que é belo pra você? Levei essas indagações para a oficina de turbante, o que levou as meninas que usavam chapinha terem consciência do porquê está usando, porque está se sentindo aceitável ou está se sentindo bem, sempre levava estes questionamentos. Sinta primeiro a liberdade de ver a textura do seu cabelo, a sua cor, e a partir disso tomar decisões de acordo com o que você estiver se sentindo bem.*

*Através da minha construção de identidade também reconheci que gosto muito de plantas e principalmente os seus benefícios para saúde e afeto, quando venho ao Gesso para o Sítio Urbano gosto de trazer a memória da nossa troca, o que o boldo pode trazer de benefício para minha saúde, se preciso de um banho para descarrego se eu tiver muito cansada, ele vai me trazer motivação e força. O chá de cidreira me ajuda a acalmar, trazer serenidade e um norte se eu tiver muito agoniada, gosto de ver e fazer essa troca com esse amor proporcionado pela mãe terra, e toda essa sabedoria veio da minha avó, ela era rezadeira e me passava muito os tipos de ervas e para que elas serviam, o banho, o cheiro delas para acalmar ou aguçar a intuição e eu sempre carrego isso dentro de mim. O boldo e a erva cidreira juntas vão trazer a calma do meu*

*estômago, trazendo a cura, mas isso é um procedimento que vai além, preciso ter um conhecimento do que mudar dentro de mim para trazer a cura*



**NATÁLIA PINHEIRO**   
Poeta, Professora de História, Integrante do Coletivo Camaradas

*Cheguei à comunidade do Gesso em 2017 muito por conta da universidade, estava iniciando o curso de História e acabo chegando aqui e encontrando a Roda de Poesia, o projeto que tive primeiro contato e acabei me envolvendo por conta da palavra em si, escrevo desde muito tempo e aí com o contato da poesia periférica foi onde eu pude me encontrar de modo extremamente expansivo. Como moro aqui próximo sempre tive contato com a poesia que ficavam nos postes, então eu sabia que tinha uma comunidade poética, mas não sabia muito associar o que era. Depois entrei em contato com a Roda de Poesia e comecei a conhecer o Coletivo, vários projetos e percebi que a poesia que já tinha encontrado na rua e em postes era gerada e espalhadas por esse grupo de pessoas que estavam gerando várias movimentações na comunidade.*

*Encontrei várias atividades que me encontram também, um movimento de retorno, eu encontrei várias ideias e pessoas incríveis que estavam agrupando movimentações e transformações que trazem ideias principalmente de uma literatura que era para estar próxima ao povo, libertárias e transformadoras da realidade. Comecei a me aproximar, a construir junto com essas pessoas e a partir disso fui me encontrando e libertando essa poesia que estava presa dentro de mim. Como várias mulheres negras, eu sempre fui muito calada e a fala sempre foi muito difícil pra mim, na poesia fui encontrando a organização dessas palavras, e a partir dos saraus foi o momento de me desafiar e colocar essa poesia para voz.*

*Com todos esses anos colocando a poesia para voz nasce a Preta Poeta. A Preta Poeta nasce como uma reafirmação. É um entendimento de que sim, eu sou poeta, apesar de todas as negações enquanto menina preta eu já ouvi durante essa vida.*

*Durante todo esse processo de encontro com a poesia e encontro dentro da comunidade do Gesso eu vou encontrando várias pessoas diferentes que tem várias coisas em comum, encontrei que me afetam infinitamente e que me geram vários poemas. Acredito que esse encontro com as crianças do Gesso fazem eu libertar essa parte poética dentro de mim e libertar a criança que desde pequena brincava de fazer poesia e me encorajam a recitar.*

*Quando vou recitando a poesia trago o meu corpo junto, a minha poeta não está dissociada do meu corpo, e o meu corpo é de uma mulher negra que também traz vários estereótipos de sexualidade também, portanto, uma mulher negra e LGBT. Então trago tudo isso visualmente junto com a palavra, quando vou recitando na periferia vai se tendo vários encontros com o semelhante. Eu escrevia muito e comecei a escrever partindo desse sentimento de solidão enquanto esse corpo que tá em uma margem e aí vou encontrando com várias pessoas que estão em outras margens.*

*Acho que a grande questão e vantagem em tudo isso é o encontro com o igual e diferente, e como a partir disso a gente crescendo e se expandindo, como também agente transformador de toda essa realidade.*

*Nesse caminho da poesia acabei entrando em escolas para dar oficina de poesias, geralmente eu entro na aula de português e entro com uma perspectiva de poesia que não é a que eles aprendem muito presa e enquadrada, é uma poesia que está falando do jeito que a gente fala, com gírias, de diversas formas e diversos assuntos, primeiramente há um impacto porque não é o que está acostumado a se ver e aí se tem uma resistência vez ou outra de alguém que está dentro da sala, porque a gente entende que a perspectiva poética*

*aprendida na escola é geralmente clássica. É interessante também porque os alunos vão se percebendo dentro das poesias e eles perguntam "isso também é poesia?" é sim, assim como você está aprendendo no livro, eu trazer uma perspectiva de uma poesia marginal periférica não anula a poesia que você tá aprendendo no livro, mas querendo dizer que isso também é poesia e você é tão capaz quanto um Camões, Drummond ou qualquer poeta que você estuda. A partir desses impactos e rachaduras vão se criando espaços de criação de coisas novas, já sai de escolas levando essa ideia de poesia mais livre em que os estudantes estão terminando a oficina fazendo poesias.*





Acervo Artefatos da Cultura Negra

**LUCIANO BARBOSA – DEXTAPE EMECE**   
Rapper e estudante de educação física



*Minha relação com o Gesso se dá a partir do Coletivo Camarada, nos primeiros contatos, a partir dessa relação que foram se estabelecendo, tanto fui me estabelecendo como artista, a minha construção como artista se dá muito com o Crato principalmente com enfoque com o Gesso, onde foi meu laboratório e primeiros testes, então as relações foram se dando a partir disso, como se dá essa troca a partir dos interesses mesmo das pessoas. Eu como artista tinha interesse em um lugar onde pudesse me colocar e o Coletivo tinha interesse nas relações que a gente poderia estabelecer e isso foi se construindo de forma muito orgânica. Eu me insiro no mundo do rapper pouco tempo antes, mas a percepção da ligação entre arte e política amadureceu muito com o Coletivo Camaradas.*

*É muito massa ver esse movimento nesse ambiente que é o quilombo urbano, que é o Gesso, onde tem uma galera massa que é colocada a margem entre dois bolsões de riqueza e o Gesso no meio fazendo essa ponte de atravessamento, e tem Vinicius lá com essa potência, inteligência, com essa caneta protagonizando uma cena que no Crato, até o momento que a gente faz esse documentário, está um pouco parada e é o único em atividade no Crato, isso é muito massa, a gente tem que potencializar mais Vinicius e mais pretos poetas.*

*Quando chego no Gesso, ali no Território Criativo especificamente, e começo me relacionar com as pessoas esse espectro começa a se ampliar e aí ganha uma amplitude e uma visão de mundo maior para minha escrita, eu saio de uma escrita de luta engajada, mas vazia, e começo com um aporte político de compreender o que é uma esquerda, isso e aquilo, o que a gente quer como comunidade, como se dá às relações, tem um termo que gosto muito que é*

*“mudança de narrativa de sociedade”, o que a gente quer mudar?*

*Quando falo que o Gesso é um lugar de experimentações, que a gente ia na Roda de Poesia e fazia aquelas intervenções, era um experimento literal. Tenho aqui um texto e preciso ver se quando eu colocar esse texto pra fora ele de fato reflete aqueles rostos e pessoas que estão escutando. É com esse público que quero conversar, quero conversar com outros também, mas é com esse público que quero trocar.*

*Ganho a ampliação do espectro, tenho essa compreensão que já é grande e muito massa e vem outra compreensão junto com o atravessamento da academia/Artefatos evento/Artefatos da Cultura Negra movimento e aí o espectro se amplia mais ainda, e onde vejo que além das demandas que eu já tinha, a minha demanda que é a dos pretos ela é muito mais profunda e específica, mas ao mesmo tempo que tem muito mais capilaridades. Então não era só um ponto específico, uma palavra de ordem. Tem o grito específico, tem a palavra de ordem, tem a problematização e a solucionática. A gente começa a entender que a luta contra o extermínio faz parte também da implementação de novas agendas, mas não quero ser essa estatística, como Racionais sempre falava né? Ah, como Brown sempre falava, eu precisei acessar outra dimensão e ampliar o espectro do debate para entender coisas que eu tinha ouvido há 10 anos atrás dos rappers que eram minhas referências.*

*A relação com a academia principalmente dentro do Artefatos da Cultura Negra amplia o espectro da discussão, eu saio do lance do “racistas otários nos deixem em paz” para ocupação e permanência dos pretos nos espaços de poder.*

*Dentro desse processo de ser um educador não faz sentido nenhum passar em um lugar e não deixar nada, e a oficina é muito isso, ela não tem objetivo de criar mcs, de que todas aquelas crianças no futuro sejam mcs, mas deixar com elas alguma coisa, alguma perspectiva e possibilidade, mostrar que é possível e esse movimento é real, ele existe e não está naquela dimensão do sonho que a gente capitaliza.*

*Quando eu acesso essas dimensões que me atravessam, de vários lugares, da periferia mesmo, da batalha, do reisado, como eu acesso essa outra dimensão mais técnica mais dura da academia, quando essas dimensões me atravessam dentro do meu ócio criativo vai impactando também nesse processo, a escrita vai ser diferente, tenho arcabouço teórico para defender fora do palco, fora da relação do rapper mesmo para falar dessas relações que nos atravessam.*

*A nossa ideia e a nossa visão de mundo é que quando a gente levar os Anicetos, o Luciano Carneiro, Josenir Lacerda, Mestre Aldenir, Mestra Margarida, quando a gente colocar essas pessoas nos nossos versos, a gente tá levando, mas sabendo que se voltar volta para eles, então é importante pensar nesse processo de volta. Tem um provérbio africano que diz que a gente tem que subir e jogar a corda para o próximo, então dentro dessa perspectiva quando a gente leva um dos nossos fica mais fácil.*

*A escola mudou completamente porque comecei a entender que ali era uma extensão, naquele momento a escola rompeu com a memória que eu tinha para ser um lugar de potência, de propulsor mesmo, de foguete. Então, eu saio da escola e quando volto já adulto, rapper e referência, eu fui entender que*

*aquele potencial nunca deixou de existir só que durante muito tempo na minha vida estava bloqueado. E as escolas elas são um lugar de grande resistência, seja de resistência política, as escolas são um lugar de resistência política porque os professores são as resistências políticas na essência, é uma galera que é todo dia é pisado, massacrado, escarnecida, e a galera tá lá naquele frente, não sabe o limite do que é a paixão pela profissão e o que é a missão.*

*As escolas representam muito isso, elas são o rapper institucional porque são a resistência visceral do processo.*



## Intervenção urbana educativa na comunidade

Refletir a memória e a identidade da comunidade do bairro do Gesso por intermédio do grafismo e do muralismo, a partir de uma ação colaborativa de intervenção com a participação dos (as) artistas, agentes escolares e moradores (as) do lugar, com base nas memórias ancestrais negras e indígenas.

**Arte urbana no Bairro do Gesso busca ressignificar a relação com a presença negra e indígena**

**Cicera Nunes**

**Francisco Joedson da Silva Nascimento**

No sábado, 08 de janeiro de 2022, o Bairro do Gesso localizado na cidade do Crato, amanheceu com suas paredes pintadas de gente. No dia anterior foi iniciada uma ação de arte urbana que busca refletir nas paredes de algumas casas e prédios, as histórias e memórias da população do bairro, que tem forte ancestralidade negra e indígena.

A ação faz parte do projeto **“O currículo e os processos de formação docente no campo das relações étnico-raciais na educação básica”** que busca dialogar com o território de saberes negros e indígenas presentes no Bairro do Gesso, compreendendo-o como um livro vivo que pode ser lido para ressignificar a nossa relação com o território e, com isso, atribuir sentido ao que se aprende e se ensina na escola.

Como parte das ações que envolvem o levantamento de histórias de vida, produção de material áudio visual, elaboração de cadernos pedagógicos,

ação de formação de professores (as) da rede de educação básica, organização de biblioteca comunitária, desenvolvimento de aplicativo para conhecimento dos pontos de memória, o projeto também propiciou uma intervenção urbana nos muros da comunidade com a participação dos artistas Wanderson Petrova, Cristiano Ramos e Jéssyca Sereia. A intervenção trata-se de uma grande ação coletiva que envolve a participação de estudantes e professores (as) da Escola de Ensino Fundamental Dom Quintino e moradores (as) do lugar. As pinturas dialogam com referências negras e indígenas do contexto nacional e local, ao tempo em que visibiliza o legado ancestral presente na comunidade.

A ação pedagógica que envolve a intervenção educativa na comunidade está inserida também no contexto das reformas urbanas que vêm sendo realizadas por coletivos e ações comunitárias protagonizadas pelos (as) moradores (as) da comunidade.

### **Wanderson Petrova**

Artista visual, pesquisador, performer, cenógrafo e muralista.

### **Jéssyca Sereia**

Mulher nordestina, artista urbana, ilustradora e graduanda em Design Gráfico pela UFCA. Sua arte contextualiza a relação do universo feminino com a natureza, figuras espirituais do povo encantado e simbologias ligadas à sua ancestralidade.

### **Cristiano Ramos**

Multiartista, morador da comunidade do Gesso e integrante do Coletivo Camaradas. Coreógrafo e bailarino do Núcleo de Experimentações em Dança.



Oficina de grafite com a artista Jéssyca Sereia realizada no dia 11 de dezembro de 2021



Oficina de grafite com a artista Jéssyca Sereia,  
11 de dezembro de 2021





Oficina de grafite com Cicera Nunes e a artista Jéssyca Sereia, 11 de dezembro de 2021



Vivência com o artista Wanderson Petrova para iniciar a intervenção com grafite, 07 de fevereiro de 2022







Mural na Escola de Ensino Fundamental Dom Quintino com os artistas Wanderson Petrova e Cristiano Ramos, 07 de fevereiro de 2022



Mural coletivo com professores (as), estudantes e os artistas Cristiano Ramos e Wanderson Petrova, dia 07 de janeiro de 2022.





Mural coletivo com professores (as), estudantes e os artistas Cristiano Ramos e Wanderson Petrova, dia 07 de janeiro de 2022.



Mural coletivo com professores (as), estudantes e os artistas Cristiano Ramos e Wanderson Petrova, dia 07 de janeiro de 2022.





Mural coletivo com professores (as), estudantes e os artistas Cristiano Ramos e Wanderson Petrova, dia 07 de janeiro de 2022.



Paulo Tiago Alves, NEABI/IFCE, Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022





Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022



Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022





Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022



Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022





Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022



Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022





Wanderson Petrova, 07 de janeiro de 2022



Cristiano Ramos, 07 de janeiro de 2022





Mural coletivo professores (as), estudantes e os artistas Wanderson Petrova e Cristiano Ramos



Cristiano Ramos, 07 de janeiro de 2022







Uma homenagem à Nizo, mais conhecido como Sorriso, morador da comunidade do Gesso, Cristiano Ramos, 07 de janeiro de 2022



Uma homenagem à Carolina Maria de Jesus e ao Mestre Raimundo, dos Irmãos Aniceto, 07 de janeiro de 2022, Cristiano Ramos





**Cristiano Ramos, 07 de janeiro de 2022**



**Uma homenagem ao Mestre Roxinha,  
Jéssyca Sereia 02 de fevereiro de 2022**





Restauração do Terreiro do Mestre Roxinha,  
02 de fevereiro de 2022



Restauração do Terreiro do Mestre Roxinha,  
02 de fevereiro de 2022





Jessyca Sereia, 02 de fevereiro de 2022



Jessyca Sereia, 02 de fevereiro de 2022





Jessyca Sereia, 02 de fevereiro de 2022



# Oficinas pedagógicas

## Musicalização afrobrasileira e indígena

**Ministrante: Jean Alex Silva de Alencar** - Pedagogo e Mestre em Educação pela URCA, Músico, Educador musical, Arte terapeuta e Mestre de Reisados.





Registros da oficina de musicalização afrobrasileira e indígena, 05/12/2021

A música possibilita a construção do sentido de pertencimento a partir dos elementos que desperta entre os sujeitos. As paisagens sonoras conduzem o ouvinte a um estado de elevação e identificação com as matrizes sonoras dos povos que as executam, convidando o corpo a interagir junto a partir da sua corporeidade.

Um aspecto muito relevante é que na região do Cariri, por conta do encontro de povos nas romarias da fé e cultura, a musicalidade dos grupos da

tradição foi sendo formada sob a influência dos grupos étnicos que por aqui transitam até os dias de hoje. Assim, configuram a musicalidade dos terreiros em um misto de batuques de tambor, cantos afro religiosos, músicas indígenas, ibérica, barroca, rabecas, violas de repente e caipira resultando no que hoje vemos ser tocado pelos terreiros e eventos onde a cultura se expressa. De modo que, nos dias atuais, grupos artísticos contemporâneos e músicos pesquisadores se inspiram e constroem sua linguagem musical a partir dos sons ouvidos nas cabaçais, violeiros, rabequeiros, grupos de coco e terreiros.

As influências que a sonora cariense recebeu para chegar nesse contexto, permitiu que suas composições fossem criadas por todos os cantos e povos do Brasil, mas de forma bem especial, os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia Pernambuco e principalmente o estado de Alagoas, de onde vieram boa parte dos pais e avós de mestres que aqui brincam e tocam até hoje.

É urgente que a história e os saberes da cultura negra e indígena estejam presentes no cotidiano da sociedade, pois só assim será possível caminhar rumo a quebra de séculos de marginalidade epistêmica e da “ausência de sentidos, como destaca Krenak (2019, p. 8):

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência de vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar.

Nosso povo canta e celebra a vida há séculos. A presença dessa cultura



na região do Cariri é nada mais que a ressignificação do que já ocorria aqui e no continente africano ante à dominação europeia, ela ressurgiu em meio a celebração à vida, à natureza e ao pão diário que ela nos possibilita. É o sagrado e o profano presente no cotidiano do povo, ressignificando o papel social dos sujeitos. Segundo o Mestre Nena (Bacamarteiros da Paz, Juazeiro do Norte-CE) “não há cultura sem agricultura!”, pois ela nos convida à uma possibilidade de viver bem com os bens que a própria mãe natureza oferece, em uma relação de circularidade entre comunidades, gente, rio, floresta, animais e ancestrais, este é o estado de “eivar o céu” que cita Krenak (2019). É elevar nossa própria expectativa de sobreviver para a condição do bem viver.



## Capoeira e cultura Bantu

**Ministrante: Francisco Orismídio Duarte da Silva** - Licenciado em Artes Visuais, Mestre em Educação pela URCA, Professor da Educação Básica, Mestre de Capoeira





Registros da oficina Capoeira e Cultura Bantu, 12/02/2022

A capoeira é uma prática coletiva social interdisciplinar de matriz africana. Portanto, “quando a capoeira é apenas um conjunto de movimentos corporais ela não é aproveitada em sua expressão ampla, fica resumida às práticas esportivas individuais, é como se você tivesse numa academia e não em conjunto social” (CUNHA JUNIOR, 2018, p. 120-121). Porém, sabemos que a prática da capoeira em muitas de nossas escolas adotam justamente essas práticas esportivas individuais, das quais Araújo (2004, p. 117) compreende enquanto práticas inibidoras sobre os africanos no Brasil, onde “o peso do escravismo no rebaixamento histórico destes e sobre estes vem impedindo e/ou dificultando seu reconhecimento e sua anterioridade”.

Sendo assim, o conjunto social imbricado no vivenciar capoeira é algo a ser considerado como importante em seu ensino, pois ele é parte da ancestralidade africana que tem como característica o “trânsito entre o passado e o presente, entre o ser e o fazer como princípio de educação tradicional” (ARAÚJO, 2004, p. 149). Em vista disso, é necessário pautar sua prática sempre conectada aos antepassados, à cultura africana, pois em seu modo de educar preserva e cultua a sabedoria do mais velho, do mais experiente. A sabedoria ancestral.

Dessa maneira, em sua dimensão educativa, o jogo da capoeira ensina e reflete as formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo. Assim, os ensinamentos da capoeira estão intimamente ligados ao processo de formação humana dos sujeitos, estimulando a constante auto-reflexão e auto-avaliação sobre, por exemplo, a relação com nossa família, com a(s) comunidade(s) a que pertencemos (de capoeiristas ou não), com nossa sociedade, com a humanidade, com o planeta, consigo mesmo.

O compromisso que aprendemos a ter com nosso(a) camarada de grupo, ou com os(as) mais velhos(as), precisamos aprender a ter conosco, em primeiro lugar. Aprendemos a ampliar nosso olhar sobre as coisas, sobre cada situação, sobre a vida e o mundo. (MATA MACHADO; ARAUJO, 2015. p. 99-100). Essa ligação com o processo de formação humana conectada à família, à sociedade e ao mundo é o que conhecemos como ancestralidade, “forma cultural africana recriada no Brasil” (OLIVEIRA, 2012, p. 39), ela não se apresenta apenas enquanto pensamento, mas sim como uma experiência de vida, em sociedade.

A prática da capoeira é uma vivência, e muitas vezes essa conexão com a

ancestralidade ocorre nas rodas, nos papoeiras e em todo decorrer da vida capoeirística, fazendo com que a experiência do diálogo corporal, e da observação do jogo, seja repleto de ensinamentos. Portanto, é notório ser a ancestralidade um guia para a prática da capoeira, dada através da cosmovisão africana que, em suas múltiplas nuances no bojo da identidade afrodescendente, busca a constante re-conexão com nossa origem.



## **Mancala: a presença africana no currículo escolar**

**Prof. Me. Luciano das Neves Carvalho** - NEABI/IFCE  
**Discente Ana Carolina Lustosa Carvalho** - NEABI/IFCE



19/02/2022



Registros da oficina de Mancala

A Mancala é a denominação genérica que caracteriza uma família de diferentes jogos de tabuleiros que ultrapassa a casa das centenas, muito por conta da sua grande distribuição em todo território Africano, e que a depender da sua área de incidência possui tabuleiro de jogo de diferentes organizações

construtivas - com duas, três ou quatro linhas de jogo (Tipo I, Tipo II e Tipo III), recebem nomenclaturas diferenciadas e alterações de suas regras que vão desde sutileza em sua forma de jogar, até complexas variações que permitem até mesmo aos menos experimentados transitar e conhecer o ideário filosófico de sua prática.

Perdem-se na linha do tempo as suas origens, não há um consenso, apontam seu nascimento por volta de 2000 A.C., mas há relatos que indicam que esse jogo existe na África há, aproximadamente, 7000 anos, sendo considerado o mais ancestral dos jogos de tabuleiro.

Os jogos de tabuleiro Mancala, também conhecidos como “jogos de semear e colher” ou “jogos de Semeadura”, pelo seu simbolismo e semelhanças com ato de plantar”, “semear” a boa semente - peças a serem manuseadas, no terreno fértil do tabuleiro do jogo, e quando assim elaborando-se a sua melhor estratégia de jogo. Este jogo, caracteriza-se por um conjunto de buracos, cavas ou cavidades onde se depositam as peças “sementes” e que tem uma lógica bastante particular de movimentação e distribuição de suas peças e que em momentos e em condições específicas permitem a captura ou a colheita de peças em disputa.

O jogo é um fenômeno cultural; no qual argumenta Huizinga (1971), constitui atividade livre, alegre que encerre um sentido e significado, que o jogo é uma categoria absolutamente primária da vida, quer dizer que o elemento lúdico está na base do surgimento e desenvolvimento da civilização.

Argumentos acima coadunam muito profundamente com os aspectos que



fazem ser o jogo Mancala e algumas de suas versões, ocupem hoje um destaque de muita importância na ambiência escolar, principalmente quando se propõe a implementação e consolidação da Lei Nº.10.639 e que em 2003 alterou a Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação 9.394/96, instituindo assim a obrigatoriedade do ensino sobre História Africana e Cultura Afro-Brasileira.

Destacamos que na seleção de conteúdo, devemos pautar e considerar suas formas e saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta como propõem Coll e Valls (2000), e cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada ao aluno, aspectos estes muito ligados ao que encontramos nos jogos de Mancala.

É importante ressaltar que por intermédio dos jogos de Mancala e suas variantes, podemos transitar por disciplinas e conteúdos relacionados a Ciências Matemáticas, a Educação Física, conteúdos de História relacionando também, os aspectos históricos do jogo, pela Geografia relacionando variantes por conta de sua regionalidade e tantas outras como Artes, Química, e Português, enxergamos muitas possibilidades de interseccionalidade com a temática étnica.

Assim, estes entre tantos outros conteúdos podem ser contemplados como possibilidades de discussão e aproximação do currículo escolar com a temática africana, os jogos de Mancala assim se configuram como um importante veículo educacional.



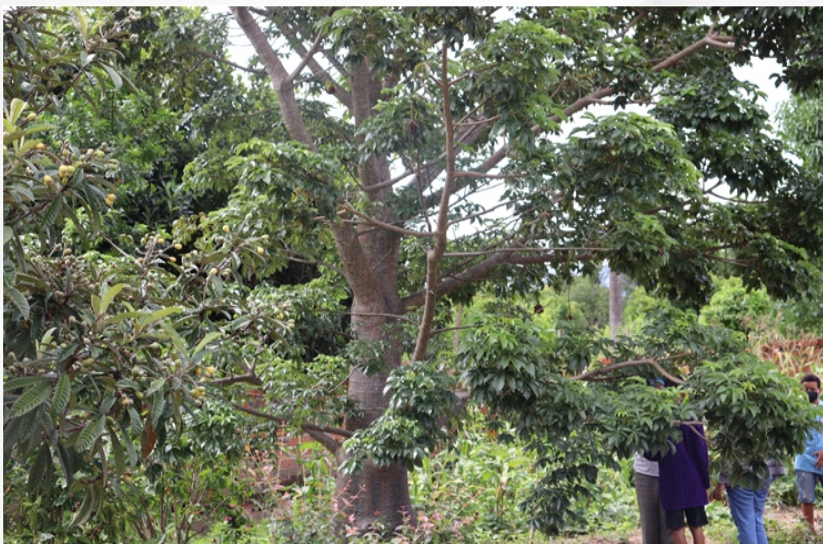
# Vivência no Terreiro das Pretas

## *Miolo de pote: sobre narrativas de (re) existências*

**Professora e Educadora Social Valéria Gercina das Neves  
Carvalho** – Terreiro das Pretas/GRUNEC  
**Educadora Social Verônica das Neves Carvalho** – Terreiro das  
Pretas/GRUNEC



12/03/2022



Visita ao Baobá no Terreiro das Pretas, 12/03/2022



Registros da Vivência no Terreiro das Pretas, 12/03/2022



*A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.*

**Conceição Evaristo**

**Rio de Janeiro, Agosto de 2005**

## **Palavras iniciais**

Nos sertões nordestinos o pote tem uma importância muito grande. Esse objeto trata-se de um grande jarro de cerâmica onde se armazena a água para consumo, em especial nos lares mais humildes onde as geladeiras ainda não estão presentes. O pote faz parte das nossas trajetórias e acompanha as nossas memórias, seja como objeto para armazenamento de água, seja relacionado às conversas à beira da fogueira no terreiro de casa nos encontros com a família. O pote também nos remete às trajetórias históricas das lideranças negras nos contextos rurais e urbanos e como essa sabedoria ancestral resiste e é ressignificada na contemporaneidade. A simbologia do pote nos serve para pensar um caminho que nos permita positivar a presença negro/indígena no mundo. É sobre esse caminho que queremos conversar nessa escrita e, com isso, compartilhar um pouco das nossas experiências no contexto do enfrentamento do racismo e como fomos ressignificando os saberes recebidos das/os que vêm antes de nós e daquelas/es que caminham conosco. O nosso lugar está situado na condição de mulheres negras profundamente marcadas pela trajetória de militância nos movimentos negros e nos movimentos de mulheres negras. Assim, as reflexões propostas nesse texto estão perpassadas pela nossa condição de gênero e raça e do reconhecimento do protagonismo feminino nas ações de resistência ao racismo e contra todas as formas de violências contra esses grupos no passado e no presente.

## **Miolo de pote e os sentidos pedagógicos**

No Nordeste brasileiro conversar miolo de pote tem o sentido de reunião familiar ou entre amigos onde se fala sobre a vida e, nesses encontros, são transmitidos valores ancestrais importantes. Crescemos nesse contexto de relação com os fazeres comunitários, onde a palavra tem uma importância no processo de transmissão dos conhecimentos que carregaremos ao longo da vida. No escutar as histórias das famílias que nos eram repassadas pelas nossas mais velhas e mais velhos ressignificávamos a nossa relação com o lugar, com a natureza, com o cosmos, com as situações diante da vida. Esse contexto será determinante na nossa relação com a militância negra e com as ações de enfrentamento do racismo.

Reconhecemos a importância do sentimento de pertencimento positivo com a negritude, mas ao mesmo tempo, entendendo o caráter estrutural do racismo brasileiro e a necessidade do engajamento em ações concretas no seu enfrentamento. Nessa caminhada fomos nos formando educadoras, seja no espaço da sala de aula ou como ativistas do movimento negro caririense, onde tivemos a oportunidade de intervir junto aos conselhos de participação ou nas ações de educação popular desenvolvidas especialmente em comunidades negras, ao passo em que reconhecemos nessas experiências o que melhor marcou a nossa formação.

Nessas trajetórias destacamos o encontro com o movimento negro caririense, o Grupo de Valorização Negra do Cariri, e a sua fundação em 2001, quando estivemos com um grupo de pessoas que já carregavam experiências de militância em outros contextos, para planejar ações organizadas de enfren-

tamento do racismo no Cariri cearense. 2001 marca o ano da realização da Conferência Mundial de Durban, na África do Sul, como parte do contexto de diálogo que os movimentos negros estabelecem com o Estado brasileiro em torno das políticas de ações afirmativas no final do século XX e XXI.

Em 21 de abril de 2001 um grupo de professores/as, estudantes, profissionais liberais, servidores públicos, lideranças quilombolas reunidos na AABEC - Crato - CE resolvem criar o Grupo de Valorização Negra do Cariri - GRUNEC como desdobramento das discussões que já vinham sendo travadas em diálogos anteriores e das experiências de enfrentamento do racismo vividas por cada pessoa que estava presente nesse encontro. Importante destacar que o Estado do Ceará é território de resistência histórica da população negra e a luta antirracista no Cariri cearense antecede à criação formal do grupo tendo em vista que para uma boa parte dos membros do GRUNEC essas questões já estavam colocadas no ambiente familiar a partir da atuação das suas mães, dos seus avós, das pessoas que os antecederam, além de trazerem as experiências de outros espaços de luta no Ceará e em outros Estados.

Na militância do movimento negro ressignificamos os caminhos de resistências e exercitamos a potência criativa mediada pela ancestralidade, a memória e a tradição oral. Com a preocupação de (re) pensar pedagogias de enfrentamento do racismo a ressignificação das rodas de conversas mais conhecidas como miolo de pote aparece-nos como possibilidade de diálogos formativos fundamentados nos princípios da cosmovisão africana. Assim, utilizamo-nos dessa simbologia em diálogo com a nossa ancestralidade para refletir a nossa relação com a negritude e (re) pensar estratégias de pertencimento com as trajetórias de resistências da população negra e com as africanas.

dades brasileiras. Dialogamos com as bandeiras históricas dos movimentos negros brasileiros, dentre elas a importância da educação e da garantia da dignidade da pessoa humana, o que inclui o acesso ao trabalho, a terra, ao bem-viver em toda a sua plenitude.

Como desencadeamento desse processo a conquista das Leis Nº. 10.639/03 e 11.645/08 que alteraram a LDB Nº. 9.394/96 configuram-se como importantes ações na medida em que propõem a necessidade de que se reconheçam visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que formaram a sociedade brasileira (GONÇALVES e SILVA, 2007). Essa ação, para além da inclusão de novos conteúdos nos currículos escolares, implica na relação com o conhecimento e o reconhecimento da sabedoria ancestral como parte importante desse processo, em que as mestras e mestres da cultura, os griots, as lideranças quilombolas, as lideranças religiosas e dos movimentos negros têm uma importância na transmissão dos conhecimentos.

Assim, a implementação dessa política exige o planejamento de modos próprios de ensinar e de aprender onde os fazeres comunitários e as vivências têm uma importância fundamental. É nesse contexto que se insere a utilização da simbologia do pote como um caminho metodológico possível de nos (re) conectar ao continente africano e aos saberes afro-indígenas, fundamentados na ancestralidade, na tradição oral e na memória histórica e auto biográfica.

Diante do exposto, experienciar a miolagem se configura enquanto uma ação que no diálogo com a ancestralidade reconhece o legado de conhecimentos acumulados pelos movimentos negros, ressignificados na nossa relação com a África e no contexto do colonialismo que impôs a negras e negros a

condição de subalternizados. Nessa história a resistência negra feminina se imprime enquanto condição que nos humaniza e nos empodera. Somos muitas, Dandara, Luiza, Carolina, Esmeralda, Conceição, Lélia, Beatriz, Sueli, Joselina, Gilbertina e muitas outras. Num diálogo estreito com as pedagogias de terreiro conversar miolo de pote ou vivenciar a miolagem trata-se de um convite para uma grande roda onde a experiência vivida tem um significado importante e aprende-se através da partilha e da escuta.





# O trabalho com a literatura e as relações étnico-raciais

**Simony Vieira** - Pedagoga, Mestre em Educação (URCA). Atriz, contadora de histórias e artesã de bonecas negras

## Oficina de escrita poética

Natália Pinheiro - Professora, Poeta, Integrante do Coletivo Camaradas



Registro da instalação da Biblioteca Comunitária na Escola de Ensino Fundamental Dom Quintino, 19/03/2022

## O trabalho com a literatura e as relações étnico-raciais

Simony Vieira - Pedagoga, Mestre em Educação, Atriz, Contadora de histórias, Artesã de bonecas negras

A literatura pode ser uma ferramenta pedagógica na luta pela construção de afirmações para uma equidade nas relações étnico-raciais. Os livros com personagens negros, negras e indígenas tendo autoras(es) negras(os), nascem com o compromisso político de desfazer mentes racistas. Dessa maneira brota o desejo de se apropriar de estudos na busca dessa literatura para compor repertório de contação de histórias para crianças e adolescentes.

Em muitas situações presenciei, no cotidiano escolar, crianças negras sendo excluídas nas brincadeiras por causa da cor da pele. Negar a cor de sua pele e associá-la às personagens dos desenhos infantis que são de maioria branca, compõe o cenário de uma infância embranquecida. Isso se dá devido a nossa construção identitária negra perpassar por acusações e estereótipos que são postos de acordo com as circunstâncias cabíveis de privilégio das pessoas brancas.

Nesse cenário construído ao longo dos anos de racismo e privilégio da branquitude, a escola, junto com os professores, estabelece um papel fundamental tanto no combate quanto no fortalecimento do racismo no âmbito escolar. As professoras, muitas vezes, não sabem como agir diante de uma situação de racismo sofrido por uma criança em sua frente. Como sou professora há 14 anos, percebi ao longo do tempo no cotidiano das escolas públicas ou privadas esse despreparo que acaba por potencializar o racismo na escola.

A inexistência do trabalho com conteúdo e formação contínua referentes a História Africana e Afro-brasileira ou a ausência, na concepção e realização desses trabalhos, influenciam a construção positiva da identidade da criança negra e reforçam concepções racistas.

Na infância, acredita-se que, vivenciando na educação infantil com livros que proporcionem situações em que o racismo não é permitido, teríamos uma maior chance de construir adultos com atitudes antirracistas e com uma identidade que possa se reconhecer nas histórias contadas.

Dessa forma, visamos compreender a importância do acesso a essa literatura enquanto uma atividade de representação que inclua a diversidade étnico-racial. A literatura negra e indígena, quando inclusa no ambiente escolar, contribui para o desenvolvimento da construção de crianças que trazem consigo valores e conceitos, de respeito e valorização dos seus ancestrais.



# Os pontos de memória e o aplicativo EDUCAYA

## Aya – superação, resistência, perseverança



De acordo com o dicionário de símbolos, Aya faz parte da simbologia Adinkra que envolve um conjunto de símbolos, parte da cultura Akan que prevalece em países como Costa do Marfim, Togo e Gana.

Aya está relacionado à ideia de superação, resistência, perseverança. “É exatamente a este significado que o Aya está associado: alguém que passou por grandes desafios e venceu cada um deles, alguém que é capaz de florescer nos sólidos mais áridos. O símbolo também traz em si a ideia de coragem e ousadia, independente das circunstâncias” (DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS).

No desenvolvimento do projeto também temos como inspiração o movimento de organização comunitária e resistência protagonizados pelos (as) moradores (as) do bairro do Gesso, na organização dos espaços, na limpeza das ruas, nas ações de sustentabilidade, nas práticas de sociabilidade, nas ações políticas e culturais, nas diversas práticas educativas que se dão em diálogo com o território.

O símbolo também aparece relacionado à forma como a comunidade ressignifica a relação com a linha férrea no processo de organização do Sítio Urbano com a plantação de ervas medicinais e plantas frutíferas gerando remédios, alimento, sombra, arejando o ambiente, diminuindo a poluição, embelezando os ambientes.

O aplicativo EducAya foi desenvolvido, a partir dessa relação, para identificação dos pontos de memória do Território Criativo do Gesso. O aplicativo direciona os percursos urbanos e traça uma cartografia nos apresentando à uma parte importante da história do lugar.

## PERCURSOS URBANOS

### Conhecendo o Território Criativo do Gesso



Uma vivência para conhecer a história do lugar com o arte-educador Cristiano Ramos, 09/04/2022



# **Territórios negros, bairros negros e os currículos da educação brasileira**

**Henrique Cunha Junior**

Territórios negros e bairros negros são lugares de pertencimento cultural, social, político e econômico, são lugares de formação das identidades negras. Nesses territórios foram criados se processaram artefatos da cultura negra. Artefatos pelo uso transformaram-se em patrimônios culturais e, portanto, da cultura que produzem as identidades negras.

Territórios negros, patrimônios culturais e identidades são pressupostos para uma base curricular da escola básica, do ensino médio e superior.

Territórios negros como definição histórica, são territórios produzidos por uma maioria de população negra e pelos elementos cotidianos da produção do espaço geográfico.

## **População negra e cultura negra:**

Os modos incidentes sobre o território. O escravismo criminoso e o capitalismo racista. Esses modos de dominação vindo dos grupos dominantes que de formas ilegais impuseram a organização das localidades. Ilegal porque tanto o escravismo criminoso como o racismo são formas estruturais ilegais, em virtude de serem criminosas.

Estamos falando de formas de coerção, de opressão, de uso da força, de forças psicológicas e ideológicas utilizadas contra a população negra e que

produziu os racismos estruturais, institucionais, que dificultaram a forma de vida das populações negras. As estruturas de dominação que moldaram de forma desumana, incivilizada a sociedade brasileira.

Precisamos ter como base que escravismo foi criminoso e as nossas populações foram vítimas do sistema, os crimes foram da população branca, portanto eles que têm que ter vergonha do sistema criminoso que implantaram e exploraram e não nós, negras e negros.

Os territórios negros possuem a dupla característica, a produção da vida pelas populações negras e as limitações a essa vida digna imposta pelos sistemas de dominação. A base curricular, portanto, necessita da produção do espaço pelo fazer social da população. As formas de trabalho, de morar, de plantar, de comercializar, de produção da cultura social, da cultura religiosa e da cultura econômica. Como produzimos a nossas festas, em casa e na comunidade em que vivemos. Como produzimos as nossas histórias e casos narrados. Mas também a base de explicação, de compreensão das diversas formas de racismos que limitam a nossa vida e dos meios pelos quais esses racismos podem ser combatidos e eliminados.

Currículo necessário para as populações negras é um currículo produzido pela reunião dos nossos patrimônios culturais, daqueles que produzem a nossa identidade individual e coletiva e dos marcadores das produções da nossa vulnerabilidade social, dos meios de dominação que são impostos e das formas de redução e combate a ação deles.





## Referências:

ALENCAR, Jean Alex Silva de. **Escolas da Ancestralidade do Cariri**. Mestrado Profissional em Educação. Universidade Regional do Cariri: 2021.

AMORIM, Marta Regina da Silva. Coletivo Camaradas: cidade, produção artística e educação. **Revista Educação a Distância**, v. 10, n. 3 p. 101-112, jul./dez. 2020.

ARAÚJO, Rosangela Costa. **Iê, viva meu mestre**. A capoeira angola da “escola pastiniana” como práxis educativa. Programa de pós graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Tese de doutorado. 2004.

BRASIL, LDB. **Lei 9394/96** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em: 10 Jun. 2018.

BRASIL. **DCN's para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. MEC. Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. **Resolução Nº. 01 do CNE**. MEC. Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. **DCN's para a Educação Escolar Quilombola**. MEC. Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Operacionais para a Implementação da História e das Culturas dos Povos Indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008**. MEC. Brasília, 2016.

COLL, C.; VALLS, E. A aprendizagem e o ensino dos procedimentos. In: COLL, C. e colaboradores. **Os conteúdos na reforma**: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000. p. 73-118.

CUNHA Jr., Henrique. **Bairros negros:** epistemologia dos currículos e prática pedagógica. III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares, Educação, Formação e Crioulidade. UniCV. Cidade de Praia, Cabo Verde. 6 e 7 de julho de 2017.

CUNHA Jr., Henrique. Capoeira e educação dos afrodescendentes. **Revista Íbamò**, v. 1 - n. 1 - novembro, 2018.

CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros: ruptura epistêmica do pan-africanismo no Brasil. **Revista de Extensão da UNIVASF**. Petrolina: 2021.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Formação de professores e relações étnico-raciais (2003-2014): produção em teses, dissertações e artigos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 97-122, maio/jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/57233>. Acesso em: 21/01/2021.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, pp. 98-109, Jan/Abr, 2012.

GONÇALVES e SILVA, Petronilha. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. Tradução de Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1971.

JESUS, Tiago Souza de.; VIEIRA, Cleber Santos. **Afrodescendência e africanidade na escola.**/.n.: @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, 2020.

KRENAK, Ailton. **IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO** – Palestra proferida no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, em ciclo de seminários coordenado por Susana de Matos Viegas, no dia 12 de março de 2019, como atividade preparatória à “Mostra ameríndia: Percursos do cinema indígena no Brasil”.

MATA MACHADO, Sara Abreu; ARAÚJO, Janja. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, [S.l.], v. 33, n. 2, dez. 2015. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/256>>.

Acesso em: 05 nov. 2019. doi:<https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.256>.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª. edição. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-Brasileira Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE, Número 18: maio-outubro/2012.

PEREIRA, Rinaldo Pevidor. **O jogo africano mancala e o ensino de matemática em face da Lei 10.639/03**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2011.

SILVA, Francisco Orismídio Duarte da. **A arte de educar gingando: aspectos e contribuições da capoeira para a educação**. Mestrado Profissional em Educação. Universidade Regional do Cariri, 2020.

SILVA, Meryelle Macedo da. **Patrimônio Arquitetônico Afrocratense: implicações educativas.** 2019. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional do Cariri-URCA. Crato, 2019.

SOUZA, Juliana de. **Afrodescendência:** identidade desvelada na memória. In.: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS). Dilemas e desafios na contemporaneidade. s/d.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente:** significando a identidade étnica do negro amapaense. Brazil Publishing. Curitiba, 2020.

VIEIRA, Simony. **Literatura infantil negra:** possibilidades para a construção de uma educação antirracista na educação infantil da Creche São Miguel - Crato/Ceará. Mestrado Profissional em Educação. Universidade Regional do Cariri: 2021.

**Site consultado:**

DICIONÁRIOS DOS SÍMBOLOS. Link: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/aya-significado-simbolo-africano/>



